

Peter von Cornelius: Fausto and Mefistófelis on the Brocken. 1811. Bico de Pena (40,5x34cm).



Sobre Nada, ou quase. Gustavo Amarante Bomfim

Como o título anuncia, o texto que se segue é uma breve mirada de alguns momentos do processo histórico da construção da realidade, como fazer compulsório do ser humano no preenchimento de seu vazio material, intelectual, espiritual e de sua representação sensível, sempre mutável. A guiar-nos nessa aventura, Fausto e Mefistófeles se revezam levando-nos a conhecer o nascimento e o definhamento do homem moderno, enquanto se aguarda o tão anunciado surgimento de um novo homem, denominado de modo muito evasivo e polissêmico como pós-moderno.

Filosofia, cultura, nada.

Por que realizar uma obra se é tão mais belo sonhá-la?¹

1. Introdução

Há um antigo questionamento filosófico que persiste até nossos dias e que indaga sobre o vazio. A origem da questão é anterior à era cristã e remonta a Platão, Aristóteles e muito antes deles a Parmênides, de quem Melissos de Samos² foi discípulo e autor do famoso axioma: o vazio é o nada e o que é o nada não pode ser. A idéia do vazio como negação da existência sempre perturbou a alma e o espírito do homem, pois como refletir sobre aquilo que não possui matéria ou essência, causa ou finalidade e, sobretudo, forma? A permanência de tal estranhamento em culturas mais modernas deve-se em grande parte à herança do pensamento aristotélico, que a epistemologia ocidental tomou tão arraigadamente para si, tornando-se para sempre atormentada pelo horror vacui, o horror ao espaço vazio. Para Aristóteles não havia possibilidade de existência do vazio, pois todo o espaço seria ocupado por superfícies complementares, ou seja, o mundo, para ele, não seria volumétrico, mas planimétrico: a concavidade de uma abóbada não determinaria um volume, mas apenas superfícies côncavas. Tal concepção levou Aristóteles a justificar a planura da Terra, tal qual descrita no Antigo Testamento e, mais que isso, a pregar a imobilidade do universo, pois se ele tivesse movimento, haveria também um espaço vazio a ser deixado para trás e um outro à frente a ser ocupado, o que para o filósofo de Estagira era inconcebível. Essa realização de um universo fechado em si mesmo, heliocêntrico, foi apenas modificada por teólogos da Idade Média, em particular por São Tomás de Aquino, para uma versão geocêntrica, mais de acordo com os dogmas cristãos, que colocava o nascedouro do Salvador no centro do espaço celeste. Restava,

¹ Pier Paolo Pasolini.

² Filósofo grego da escola dos Eleatas (de Parmênides de Eléia), viveu no século V a.C. e tentou provar a eternidade e a imutabilidade do Ser, negando a existência do vazio e do próprio tempo.



contudo, a questão da imobilidade do universo, discutida por cientistas de extrato empirista, como Roger Bacon, e por exegetas transcendentalistas para quem a hipótese da imobilidade do universo desafiaria a onipotência de Deus. A própria Igreja Católica, por fim, repensou o dogma da imobilidade e pouco a pouco admitiu não só a existência do vazio, como a volumetria de um universo muito mais amplo que a redoma imaginada no medievo.³ E com a aceitação do vazio surgiu também a necessidade de ocupá-lo.

Essa transformação do entendimento formal do universo pode ser acompanhada claramente através das representações pictóricas do espaço, entre o final da Idade Média e o início do Renascimento, elegendo-se aqui de modo apenas convencional Giotto, como marco de transição entre elas. Na representação pictórica do medievo, sabidamente desprovida de qualquer intenção perspéctica, o plano dos homens e o plano de Deus são representados em comunhão, como convinha aos princípios teológicos então em vigor e às possibilidades do observador iletrado, mas ciente de que o vazio não existia. Há integração entre os planos divino e humano e, mais do que isso, uma relação primordial entre ambos. Deus e os homens mantêm interlocução imediata ou mediada através da igreja, dos santos domésticos, dos padroeiros, da Virgem e do próprio Cristo. Há intimidade entre eles: graças e benesses são solicitadas, promessas e promissórias são pagas. Deus está em todos os lugares e se manifesta em todas as coisas, do mesmo modo como a alma e – após o juízo final – o corpo habitarão um novo e único espaço desprovido de tempo. Assim, não cabe perguntar se a razão e a sensibilidade dos pintores medievais desconheciam a perspectiva e a representação volumétrica do espaço, que de fato percebiam sensorialmente através dos olhos físicos, mas sim se interessava fazer uso delas. Os árabes que, antes dos cristãos, tiveram maior intimidade com a matemática e a geometria também preferiram representar o mundo de modo muito mais sofisticado e sutil do que através de um ponto de fuga determinado pelo olho do artista ou de seu mecenas. Havia então o predomínio de um outro modo de perceber e construir o mundo, que deslocava a visão do olho físico para um olhar interpretativo intelectual, posto que a representação do tridimensional sobre o gesso de uma parede ou de uma tela não passava, de qualquer maneira, de um truque caprichoso, uma habilidade adquirida, uma ilusão de realidade. Giotto trouxe com sua pintura a corte celeste à Terra, dando ambiente, postura e vestuário humanos a santos, anjos, a Maria e a Cristo. Não pretendia com isso criar uma versão humanizada do divino, mas sim unir indissolivelmente Deus e o homem em um mesmo espaço.

³ Conta uma lenda, que santo Agostinho caminhava pela praia, atormentado por não conseguir alcançar a idéia da plenitude de Deus, de sua onipresença e onipotência, ou seja, refletia sobre a extensão do todo e do nada, quando se deparou com um menino que corria repetidamente do mar a um pequeno buraco cavado na areia levando com extremo cuidado uma concha cheia de água. Intrigado Agostinho indagou qual o sentido daquele jogo e teve como resposta que a criança pretendia levar toda a água do mar para aquela pequena cavidade na areia. Após sorrir da ingenuidade do menino, o santo explicou com palavras simples a impossibilidade física daquela tarefa. A criança sorriu para ele também e disse que era mais fácil levar com uma concha toda a água do oceano para o pequeno laguinho do que alcançar os mistérios da plenitude. E desapareceu.



Com o Renascimento e a introdução do ponto de fuga na representação pictórica, construiu-se o espaço volumétrico, mas a relação entre divino e terrestre não foi abolida, ao contrário foi reforçada. O Renascimento, na verdade, apenas alonga a visão do olho humano e entreabre a cúpula dos céus para mostrar, a maioria das vezes sobre nuvens, a imagem diáfana de Deus e sua corte celestial. Mas o espaço ainda é pleno, todos os elementos se interligam em completude. O vazio fica fora de qualquer possibilidade e, portanto, de representação.

Mas, se aparentemente o vazio havia sido deixado de lado, por que ainda se refletia sobre algo tão abstrato, conceito considerado a priori ininteligível, posto que pela complexidade do enigma que vela, o vazio só poderia ser o nada, o reverso do pleno? De fato, até a Idade Média, o assunto só interessou a poucos sábios e teólogos como questão ontológica ou epistemológica para opor a retórica à dialética, o atomismo de Demócrito ao espaço pleno de Aristóteles, ou seja, como pretexto na elaboração de argumentos e contra argumentos igualmente especulativos. A possibilidade do nada servia, pois, como uma espécie de desafio intelectual, uma tentativa sempre inconclusa de contradizer uma hipótese sequer demonstrável, já que o mundo no medievo era conhecido, não tanto pela heurística, que poderia responder a alguns mistérios da extensão física e factual, mas por princípios teológicos inquestionáveis. Havia a Terra, um tabernáculo com superfície territorial finita, delimitado acima pela abóbada celeste. Sobre ela se estendia o reino de Deus, dos anjos e das almas bem-aventuradas. Da mesma forma, em algum recôndito da Terra, a partir de uma fenda, se descia através de labirintos escuros e fétidos até as entranhas do inferno, ou se cumpria longíssima penitência, escalando o íngreme penhasco do purgatório para se alcançar, um dia, a plenitude do paraíso. Tudo isso era real e verdadeiro, ainda que não sensível, o que pouco importava em uma época pré-empírica. De qualquer forma, tal realidade era perfeitamente visualizável na sua representação através de afrescos, vitrais, iluminuras que tanto enterneciam como aterrorizavam o homem comum e o homem sábio. O nada, portanto, não pertencia ao plano físico, mas sim ao metafísico e, apenas muito mais tarde, durante o Humanismo, a idéia do vazio ganharia novamente evidência com a brecha provocada pela violenta reação da igreja católica à época da contra-reforma. O conflito entreabriu espaço para homens esclarecidos, que percebiam cada vez mais nitidamente a inutilidade e a impotência de seus conhecimentos diante de um cotidiano predominantemente dogmático e cerceador, pois se a fé demandava a ciência, o fazia de modo parcíssimo e cauteloso, como a confirmar a si própria. A ciência fazia suas descobertas, mas por prudência às vezes se calava. Ou se arriscava. Que o digam Bruno, Galileu e muitos outros.⁴

⁴ Ao contrário do que muitas vezes se afirma, a causa que indiretamente provocou o processo da Inquisição contra o frade dominicano Giordano Bruno e, posteriormente, sua condenação à morte em 1600, mais de um século após a era dos grandes descobrimentos, não se relaciona propriamente à interpretação heliocêntrica do universo, mas à formulação da hipótese de um universo sem fim. A idéia de infinito perturbava as interpretações teológicas de um cosmo fechado, sobre o qual estava Deus, ou seja, qualquer que fosse a extensão do espaço haveria um limite final após o qual começaria um outro espaço, esse sim sem tempo nem medida, o campo divino.



Nessa mesma época surge na Alemanha a publicação de Johann Spiess, *História do Dr. Joahann Faust*, baseada em obra mais antiga e de autor desconhecido, que contava a história de um nobre que teria feito um pacto com o demônio para ter poderes sobre o mundo e que terminara seus dias amargando tão nefasta barganha. A História de Spiess, difundida em feiras por toda a Europa através de um *Volksbuch*, novela popular, transformou-se em uma das lendas mais conhecidas à época do protestantismo e da contra-reforma, pois falava ao subconsciente e ao imaginário de muitas pessoas sobre a possibilidade de ação e transformação de um mundo considerado pleno, já encerrado e enclausurado pela predeterminação. O conto inspirou também, na Inglaterra, Christopher Marlowe, supostamente ateu, autor de *Edward II*, *Tamberlain*, *The Jew of Malta*, *The Massacre of Paris*, entre outras importantes obras, cujo valor literário o colocam em patamar imediatamente abaixo de Shakespeare. Marlowe, autor das tragédias que fundamentaram o moderno teatro inglês elisabetano, interpretou, em 1590, o conto medieval alemão com extrema poesia e síntese, dando-lhe o colorido empírico da então jovem modernidade.

Our souls, whose faculties can comprehend
The wondrous architecture of the world,
and measure every wandering planet's course,
still climbing after knowledge infinite,
and always moving as the restless spheres,
will us to wear ourselves and never rest...⁵

O autor de *The Tragical History of Doctor Fautus*, assassinado aos 29 anos, foi grandemente admirado por Johann Wolfgang von Goethe, que auxiliado pela interpretação inglesa do personagem mitológico, iniciaria, já em 1772, com *Urfaust*, sua mais talentosa criação: Fausto. Na peça, logo na primeira parte, angustiado em seu quarto de estudo, repleto de livros e instrumentos científicos, Fausto se questiona sobre a inutilidade dos conhecimentos que adquiriu em filosofia, teologia, medicina e jurisprudência e se dedica à necromancia, esperando encontrar aí respostas para suas angústias mais profundas. Goethe, então, incumbiu Deus de permitir a Mefistófeles a

A teoria de Bruno, apesar de se fundamentar justamente na plenitude do Criador, foi considerada herética e uma afronta à igreja, pois através de uma interpretação enviesada poderia levar para muito longe a presença de Deus, numa época em que o senso comum acreditava ainda em uma relação física entre o reino Dele e o mundo dos homens. Johannes Kepler, contemporâneo de Bruno, não só foi mais além que seu colega italiano, como chegou a publicar *Astronomia nova* (1609) e *Harmonices mundi* (1619), onde proclamava abertamente a natureza física do movimento dos planetas. Mas Kepler vivia em Weil der Statt, na Alemanha, longe do alcance da Santa Inquisição. O conceito de infinito não poderia ser - e ainda não é - facilmente passível de compreensão: o que significa afinal um espaço que não tem fim? Séculos mais tarde, na década de 1920, quando Edwin Hubble postulou e, com auxílio da Teoria da Relatividade de Einstein, demonstrou que o universo está em contínua expansão, ele próprio não conseguiu jamais superar a opressão de sua terrível descoberta. Voltando ao contexto do início do século XVII, a idéia de um universo sempre crescente e em movimento simplesmente poria por terra todo o livro do Gênesis, motivo mais que suficiente para se condenar alguém à fogueira.

⁵ Marlowe, Chr. *The Tragical History of Doctor Fautus*. Introdução e Tradução de Marcelo Cohen. Barcelona: Içaria, 1983.

condução de seu personagem central na tarefa de realizar seu desejo de ação, como partícipe da criação divina. A partir desse momento, Fausto, guiado pela astúcia do demônio, começa a longa jornada que o transforma de sábio atormentado e pusilânime, imerso em dúvidas hamletianas, em um ser transformado indivíduo.

Eis aí a grande metáfora da obra de Goethe: Fausto representa o nascimento do homem moderno e, de resto, de toda a humanidade em sua sanha de dominar, transformar e configurar a natureza em proveito próprio.

2. O Lamento de Fausto

Ah, estudei até a exaustão a filosofia,
A medicina e a jurisprudência,
E infelizmente também a teologia,
Tudo com a maior paciência.
Mas eis-me aqui pobre ignorante,
Não mais sabido do que antes.
Sou professor, doutor até,
Há dez anos eu fico atrás
Dos meus alunos sem parar.
Estudar, estudar e estudar!
Mas vi que não é possível saber
E isso dilacera meu coração.
Na verdade, sou mais inteligente do que outros paspalhos –
Doutores, professores, escritores e padres.
Não tenho escrúpulos, nem dúvidas me assolam,
Não temo nem o inferno, nem o diabo.
Porém, a alegria me foi roubada.
Não tenho mais a ilusão de saber,
Não tenho mais a ilusão de poder ensinar
Aos homens para melhorá-los ou convertê-los;
Também não tenho bens, muito menos dinheiro,
Nem honra, nem glória no mundo,
Nem mesmo um cão viveria desse jeito!
Por isso entreguei-me à magia,
Para ver se, por força do espírito e da palavra,
Consigo desvendar alguns mistérios.
Para que eu não fale mais, com suor azedo,
Daquilo que não sei.
Para que eu conheça o que o mundo
Esconde em seu âmago profundo
E possa observar toda eficácia e sêmen
E não fique remexendo nas palavras.⁶

⁶ Goethe, J. W. [Urfaust]. Fausto zero. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 15.



Esse era o tormento que trespassava o insatisfeito Fausto, confrontando-o com um mundo de homens alheios, mais preocupados em sobreviver no duro cotidiano do trabalho, da usura e da guerra, pouco se importando com a idéia da existência ou inexistência do vazio. De vazio só conheciam os campos, os bolsos e a barriga. O vazio do espaço e da alma só parecia mesmo interessar àqueles teólogos, doutores e outros desocupados que Fausto criticara, com intrincadas questões escatológicas: se o vazio existe, seria ele a ausência de matéria e de espírito? O que haveria então? E se dessa possibilidade de equivalência entre o vazio e o nada, houvesse o não criado ou, ainda pior, se nas dobras do vazio houvesse espaço para outros seres, mundos, infinitos universos paralelos ao nosso? Teria Deus expulsado de cada um deles inumeráveis Adões e Evas? Teria Seu Filho encarnado e expirado sete vezes sete na cruz? E então ressuscitado? Quantos santos e quantas relíquias sagradas? Quantos tronos de Pedro? Teria o inferno espaço para todas as almas pecadoras ou seriam eles muitos assim como seriam vários os purgatórios? Somente o paraíso deveria estar a salvo de tanta pluralidade, posto que infinito e eterno pela graça de Deus, o verdadeiro Nada, o espaço sem tempo.

Mas se a idéia do vazio não interessava ao homem comum, convicto da plenitude do todo ao seu redor, perturbava em certa medida aquele que queria se distinguir da plebe ignara, não tanto pelo prazer em desvendar a natureza enigmática da questão, mas porque a idéia do vazio tornava a própria vida um estorvo que, de modo incongruente, só podia passar a ter sentido com seu oposto, a morte, quando então o ser encontraria a plenitude da vida na ausência do tempo. A existência terrestre era essencialmente passageira e coletiva, uma oração sem sujeito ou predicado; tinha rotina e se resumia a preces e penitências de nobres ou plebeus, santos ou pecadores; ao exercício de monótonos afazeres, fossem eles a labuta no campo ou a batalha em Jerusalém.

A preocupação com a finitude, mesmo com a esperança presente da imortalidade da alma, e o vazio da vida terrena trazia embutida um outro pensamento aterrorizador, que já havia sido transformado por Anaxágoras e Platão em questão ontológica, mais tarde revivida pelos escolásticos: o entendimento sobre o conceito de fim ou finalidade, que poderia dar sentido à existência. Não era difícil, mesmo para a filosofia de então, atribuir aos atos do homem uma finalidade e a ela associar os meios necessários. A ação da vontade e seu juízo pertenciam ao campo axiológico então regido pela teologia, pela ética e pela moral, que determinavam consensualmente o grau de liberdade do agir. A questão sobre até que ponto os fins podiam justificar os meios ou em que medida os meios desvirtuavam os fins nunca foi exclusividade do logos. A existência não tem finalidade per se e as ciências da matéria só puderam mesmo constituir-se como tal excluindo essa possibilidade. Mas o mesmo princípio não podia ser aplicado sem falsificações evidentes à natureza, para a qual só se poderia encontrar finalidade com o recurso do transcendentalismo, ou seja, do finalismo, que atribui à intervenção de um espírito criador a causa e a finalidade de tudo, as quais, no entanto, só podem ser compreendidas a posteriori, caso em que o conceito de

fim abandona o campo da ética em obediência à fé. A existência e sua destinação foram e são questões das mais complexas da filosofia, sempre presentes em diversas correntes do pensamento que, no entanto, nunca conseguiram afastar por completo a angústia do homem em relação à sua precariedade e contingência, o *taedium vitae*. Existirmos a que será que se destina?

Claro está que muitos homens se rebelaram contra pensamentos tão abstratos e fatalistas e desafiaram os preceitos sagrados, dedicando-se a acumular ouro e prata, saber e conhecimento, beleza e aparência, poder e glória, poesia e arte, ou seja, toda a sorte de posses fúteis para a satisfação de desejos destemperados, frutos natimortos da pretensão e da vaidade, que ao final eram apenas acalmadas e iludidas com ouropéis, pedras coloridas e quinquilharias de toda espécie. Mas, essa fraqueza, intrínseca da miserável condição do homem, também o levou à atitude benfazeja de começar a compreender e transformar a natureza e a si próprio, tornar-se de algum modo partícipe da criação e não mais circunstância de uma fatalidade. De fato, com o declínio da Idade Média e do determinismo de seu imaginário a respeito do vir-a-ser, o dilema da existência e de sua inexorável transitoriedade foi encoberto por uma atitude menos contemplativa, piedosa e mais generativa, em direção ao redescobrir do ser em sua verdadeira dimensão e grandeza humanas, que encerravam não apenas a existência material, mas também sua cultura, suas ciências e suas artes. A compreensão de que a morte de um ser não ameaçava a existência da humanidade e muito menos de suas obras – um renascimento tardio do idealismo platônico – e de que, enfim, o apocalipse não parecia afinal estar tão próximo assim, despertou ânimo e empenho para desenvolver saber teórico e atitude empírica que pudessem ser aplicados ao comércio, às navegações, às ciências, às artes da guerra, à cultura, à formação de estados nacionais, à conscientização das classes, com seus deveres e direitos, ou seja, às coisas mais práticas da vida. O coletivo conformista cedia finalmente lugar ao indivíduo empreendedor; nasce o homem moderno.

O vazio, como conceito ou concretude, algo sobre o qual se poderia refletir, mas por prudência, nunca dele demais se aproximar, passou a ser encarado justamente de modo oposto: o vazio não é o nada, mas latência, possibilidade de existência, o nascedouro de espaço a ser criado e ocupado na medida do tempo. O mundo material conhecido, antes restrito à idéia de um grande tabernáculo, sobre o qual se estendia um véu cravejado de estrelas, passou a ser cogitado como uma esfera, ainda não percorrida, mas demonstrada pela *res cogitans*. E mais, a Terra não só ganhou forma esférica, como também passou a ser um corpo caminhante em torno de um sol, ele também viajante no espaço celeste e infinito, até onde a visão dos aparelhos óticos e mecânicos podia alcançar e, mais além, até onde as possibilidades do cálculo matemático demonstravam, mesmo que ainda não pudessem mostrar aos sentidos.

O espaço conhecido e finito segundo uma geografia de inspiração mística transformou-se, portanto, em possibilidade infinita de concretude; nem vácuo, fenômeno físico, nem vazio metafísico, mas potência de vir-a-ser. Primeiro imaginado, depois mapeado, disputado, negociado e, finalmente, configurado. Naturalmente, essa realidade não existia – e continua não existindo



– a priori, se oferecendo à descoberta, tal qual um prado verdejante, cortado por uma estrada recém aberta. Existiria na medida em que fosse criada, construída, embora disso o homem daquela época ainda não soubesse perfeitamente. Sobretudo, não sabia que a construção do real não se assemelha à montagem de um gigantesco quebra-cabeça, com milhares de peças muito semelhantes, mas cada qual com seu lugar próprio e único em uma imagem finita que, aliás, já se revelava com antecedência, através de um quadro emoldurado ou um mapa. Segui-lo e encontrar o lugar certo de cada peça poderia levar séculos, exasperaria a paciência da humanidade, mas conduziria a bom termo. O que o homem não sabia é que a construção do real é sim um infundável quebra-cabeça, porém muitíssimo mais complexo, onde as partes são intercambiáveis entre si, podendo encaixar-se em muitos lugares diferentes, de modo que não há uma única composição possível e definitiva. Há muitas e nenhuma delas com completude ou contorno final, posto que no jogo do imaginado e do realizado só há processo e configuração. Mapa e espaço são configurados simultaneamente, pois o espaço é volátil e efêmero em suas mutações ao longo do tempo, sejam eles terra firme de além-mar ou estado d’alma. Assim como o espaço é ilimitado enquanto potência, também o é sua construção.

Justamente por não haver uma imagem única sobre o que poderia ser aquele real velado, ou melhor, a ser revelado, o imaginário formou-se como um rio caudaloso, alimentado por muitas nascentes: a lábia de hábeis comerciantes na oferta de especiarias originárias de supostos e reais reinos longínquos, sempre mais aprazíveis e ricos do que aqueles onde exerciam seu ofício; livros, diários, mapas – verdadeiros ou forjados – que apontavam para inalcançáveis terras prometidas; relatos fantásticos de viajantes que traziam consigo bizarros seres conservados pela arte da taxidermia para a admiração e o espanto de todos: licornes, pégasos, monocerontes com espessas armaduras de couro – espécie estranha que Albert Dürer chegou a desenhar –, lepidópteros que mascam folhas de amoreiras para construir delicados casulos, com os quais se produz o fio da seda, cavalos com pescoços e pernas tão compridos que podem se alimentar das copas das árvores, homens com torsos de touro, como os que existiam na Grécia antiga; uma fêmea de castor, ovípara, com bico de pato, que amamenta suas crias e muitas outras intrigantes e verossímeis espécies.⁷ Peregrinos traziam sudários e mandilhos, despojos milagrosos de santos, crânios de João Batista (há cerca de meia dúzia em santuários da Europa e da Ásia Menor), madeirame da cruz de Cristo em quantidade milagrosamente abundante, palha da manjedoura de Belém e outras relíquias sagradas. Magos e cientistas apresentavam autômatos e outros engenhos que se moviam, cantavam ou dançavam movidos pela força do vapor; chumbo transmutado em ouro através de fórmulas secretas e tão

⁷ De fato, entre muitos outros livros sobre tais bizarrices, o farmacêutico alemão Albertus Seba publicou, em 1734/35, seu *Loccupletissimi Rerum Thesauri Accurata Descriptio*, que contempla, entre a descrição de alguns milhares de pequenos e grandes seres, trazidos na maioria por marinheiros que retornavam de países exóticos, entre eles o Brasil, mais de quatrocentas ilustrações, como as de um lagarto ou hidra com sete cabeças e um pequeno dragão. O *Loccupletissimi* foi editado pela Taschen, em francês, inglês e alemão com o título de “Gabinete de curiosidades naturais de Alebertus Seba”, em 2001.



dispendiosas quanto o próprio ouro que produziam; aparelhos que multiplicavam sem erros cifras inimagináveis, que ultrapassavam o milhar do milhar; pedras lunares furta-cor, diamantes rubros, gigantescos ovos calcinados de seres extintos; poderosos venenos e seus antídotos; lanternas mágicas que faziam aparecer e desaparecer fantasmas e muitas outras cousas extraordinárias e verossímeis, que enriqueceram os gabinetes de curiosidades dos senhores eruditos e aquinhoados. De outro lado, embaixadores de terras longínquas comparavam entre si textos e diagramas desenhados em pequenas tábuas de madeira, placas de argila, papéis finíssimos, sedas, velinos, palimpsestos, através dos quais se faziam compreender, ao mesmo tempo em que comprovavam a existência de uma língua comum e anterior a todas as outras, provavelmente aquela utilizada antes da construção da torre de Babel, aquele idioleto que Adão articulou antes de sua expulsão do paraíso. Enfim, a heurística e a fantasia floreciam juntas e complementarmente convidavam o homem esclarecido a construir e testemunhar uma existência mais além daquela que circundava o Mar do Meio da Terra ou mesmo o Helesponto.

3. O Júbilo de Fausto

Escrito está: "Era no início o Verbo!"
Começo apenas, e já me exacerbo!
Como hei de ao verbo dar tão alto apreço?
De outra interpretação careço;
Se o espírito me deixa esclarecido,
Escrito está: No início era o Sentido!
Pesa a linha inicial com calma plena,
Não se apressure a tua pena!
É o sentido então, que tudo opera e cria?
Deverá opor! No início era a Energia!
Mas, já, enquanto assim o retifico,
Diz-me algo que tampouco nisso fico.
Do espírito me vale a direção,
E escrevo em paz: Era no início a Ação!⁸

Com o reconhecimento de que o mundo, além de se estender mais para além das antigas fronteiras do império romano, era esférico, organizaram-se caravanas, guias, embaixadas e exércitos para intensificar as rotas comerciais conhecidas com as distantes terras da Índia e da China. Por outro lado, pretendia-se chegar aos mesmos destinos por via marítima e fazer assim ruir o monopólio comercial de Veneza, Creta e Bizâncio. Para tal empreitada foi necessário encomendar navios velozes e robustos a estaleiros venezianos e portugueses; contratar astrônomos alemães, capitães genoveses e astrólogos de todo lugar; engajar tripulação de marujos, desterrados, prisioneiros e

⁸ Goethe, J. W. Fausto. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: EDUSP/Itatiaia, 1981, p. 68.



prostitutas; comprar e estocar víveres, água e vinho; aperfeiçoar sextantes, astrolábios, bússolas, relógios e outros intrincados instrumentos de navegação e orientação; demandar sábios, espiões e larápios mapas confiáveis; enfim, criar companhias e exércitos de conquista. E tamanho esforço só foi possível com o conluio entre príncipes, banqueiros e ricos comerciantes suficientemente perspicazes ou ingênuos para acreditarem nos planos de generais, aventureiros e embusteiros.

A partilha antecipada das novas terras americanas situadas ao sul do equador, que as casas reais de Espanha e Portugal promoveram entre si, cada uma com compreensão própria da vastidão de seus futuros territórios, dividiu os espaços do planeta, o que não eliminou, contudo, a intromissão de outros países e aventureiros avulsos nos negócios dos descobrimentos. Os territórios não incluídos no tratado, não o foram porque ainda não existiam enquanto possibilidade ou porque excluídos como não-lugares, até que alguma nova circunstância lhes atribuísse função política, econômica ou estratégica. Mas, para ocupar esses espaços não bastava apenas traçar mapas e negociar acordos com as bênçãos de Roma e os auspícios de reis; exigia ocupar o desconhecido, torna-lo conhecido, nele fincando bandeiras e brasões de armas, construindo muros fortificados, isto é, tornando-se senhor de terras e de mares, pois de nada servia a um navegador descobrir um novo território se a ele não pudesse retornar guiando poderosa esquadra que o protegesse de piratas, invasores e oportunistas e se, além disso, não existissem rotas seguras para transportar suas riquezas materiais e humanas para as sedes coloniais e, no sentido inverso, levar os artefatos, manufaturados e mão de obra, indispensáveis às futuras civilizações. Ocupar espaços implicava também aplainar o que antes havia, física e culturalmente, pois do processo de conquista fazia parte obsequiar aos conquistados hábitos, idiomas, religiões, valores de civilizações mais desenvolvidas e de culturas mais elevadas, mesmo porque conquistadores não toleram diferenças.

A era do *wetware*⁹ (os humanos, os bois e os cavalos), quando o espaço físico e o tempo – o dia e a noite, as épocas de plantio e de colheita etc. – eram interdependentes, terminara. Pela primeira vez integrado, ainda que à força e precariamente, o espaço conquistado e domesticado demandava agilidade no trabalho produtivo e na concentração de riquezas, pois o tempo tornou-se aliado decisivo na exploração do espaço. Esse foi o primeiro grande feito político, econômico e científico da modernidade renascentista e mercantilista: a dominação pelo hardware. Não bastava mais um par de pernas ágeis, nobres ou plebéias, para conquistar o mundo, como no tempo das cruzadas. Conquistava-o quem o fazia mais ágil e solidamente, com meios de transporte seguros e velozes; máquinas, ferramentas e instrumentos; enfim, toda uma coleção de artefatos a serem criados, configurados, produzidos e também utilizados adequadamente como meios produtivos. Essa demanda objetiva trouxe um novo sentido ao conhecimento. A atitude desinteressada em conhecer e contemplar o mundo foi substituída pelo pragmatismo, e o saber transformou-se em mercadoria, em moeda de troca. O conhecimento sobre algo já não bastava a si mesmo, ao con-

⁹ Bauman, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

trário, só tinha sentido e só recebia acolhimento em função de uma oportunidade de aplicação. Sabe-se, por exemplo, que o princípio da máquina a vapor era conhecido no Egito antigo, mas os sacerdotes que dominavam os segredos dessa força física limitavam-se a se divertir criando estátuas moventes ou portas mágicas, que se abriam e fechavam à invocação de uma divindade, apenas para criar pasmo e respeito entre faraós e servos. Truque barato sem nenhuma utilidade prática além daquela de manter aqueles que o conhecia intocáveis. Só mais de três mil anos depois a máquina a vapor teria função econômica e social nos transportes e na indústria em geral.¹⁰

A partir do final do século XVIII e início do século XIX, o desenvolvimento científico e tecnológico foi acelerado pela demanda das manufaturas e da nascente, mas poderosa, indústria, valorizando-se cada vez mais a especialização da capacidade tecnológica do homem, no aperfeiçoamento e no controle da produção. Não bastava o saber desinteressado, tão ao agrado de von Humboldt e de outros representantes do Aufklärung. O saber, tal qual Fausto, não se satisfazia mais em contemplar o conhecimento, pois se o agir sem o saber era tido como cego, o conhecimento sem o agir era infrutífero, castrado. Na disputa entre a formação humanística do homem, como havia ensinado Rousseau, em Emílio, e o pragmatismo positivista da polis é Ismena quem sobrevive a Antígona. As promessas do trabalho assalariado, supostamente sinônimo de uma vida mais confortável, com todos os bens e serviços que uma renda mensal regular permitiria contemplar, inflaram as cidades e suas periferias, transformando-as em grandes centros fabris, velozes, ruidosos e também repletos de desempregados e sub-empregados, un tourbillon social.

Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar.

¹⁰ Os mesmos caminhos tiveram outras invenções, como o fac-símile, desenvolvido e patenteado em 1843, ou seja, com três décadas de antecedência à invenção do telefone e mais de um século antes que o fax despertasse interesse comercial. (Wertheim, M. Uma História do Espaço – de Dante à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. E, por mais inacreditável que possa parecer, a primeira sociedade anônima no setor da aviação comercial, a Companhia de Trânsito Aéreo, também conhecida como “Companhia de Carruagens Aéreas”, foi criada na Inglaterra muito antes que qualquer avião tivesse decolado. A tal carruagem aérea, conhecida como Ariel, movida a vapor, fez um único vôo, do alto de uma colina em direção ao chão. (Farias, C. L. Análise Morfológica dos Interiores de Aeronaves de 1909 a 1969. Dissertação de Mestrado em Design, PUC-Rio, em conclusão). Finalmente, para abreviar a lista de descobertas de emprego tardio e de tantas outras esquecidas no tempo, vale mencionar o lycopersicum esculentum, o tomate. Originário da América Latina foi levado para a Europa como planta ornamental à época dos descobrimentos. Mais tarde, aclimatado na Tunísia, na Argélia, nas Ilhas Canárias e em solo europeu, encontrou uso farmacêutico na Espanha como unguento na cura de hemorróidas. Só posteriormente foi empregado na culinária, contribuindo para a fama da cozinha italiana ao transformar a pizza no alimento mais consumido em todo o mundo, graças à invenção posterior da motocicleta, do delivery e, naturalmente, do motoboy. O telégrafo, o telefone, o fax, a internet, o celular e muitos outros recursos de comunicação modernos, assim como os meios de transporte, do trem ao supersônico, só se tornaram populares na medida de sua disponibilidade tecnológica e do interesse comercial.



Eu não sei, a cada dia, o que vou amar no dia seguinte.¹¹

À medida que a cidade crescia e se convulsionava nas vagas das massas de rostos anônimos de camponeses, se perdia e se reencontrava sempre nova e desconhecida. É nessa vida tumultuada e repleta de outros, que vagueiam os personagens de Baudelaire, em que se estampa o grito de Edward Munch, onde o apressado Coelho Branco de Alice se atrasa perpetuamente.

4. O Pacto de Fausto com Mefistófeles

Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira
na posse do que o mundo alcunha gozos.
O que preciso e quero é atordoar-me.
Quero a embriaguez de inoportáveis dores,
a volúpia do ódio, o arroubamento
das sumas aflições. Estou curado
das sedes do saber; de ora em diante.
às dores todas escancaro est'alma.
As sensações da espécie humana em peso,
quero-as dentro de mim; seus bens, seus males
mais atrozes, mais íntimos, se entranhem
aqui onde à vontade e mente minha
os abrace, os tateie; assim me torno
eu próprio a humanidade; e se ela ao cabo
perdida for, me perderei com ela.¹²

Os países à frente do processo produtivo se valeram das matérias primas de suas colônias que, uma vez manufaturadas, voltavam a elas com valores multiplicados e, assim, consolidaram seus impérios comerciais. A modernidade iniciou-se, pois, sob o signo de Mercúrio, do hardware, da política colonial e expansionista, da aquisição, conquista ou furto de territórios alheios, pois neles jaziam riquezas como o ferro, o carvão, o ouro, os diamantes e, mais tarde, o petróleo, ou seja, bens arraigados ao solo, ao espaço. Na passagem do século XIX para o século XX, a economia mundial se consolidou com o capitalismo, cuja face se apresentava sob a forma de grandes empresas, maiores e mais seguras que as antigas fortalezas coloniais. O trabalho fabril, tornado objeto de estudo de ciências aplicadas ao processo produtivo por Ford, Taylor e seus muitos outros seguidores, contribuiu para a humanização e, ao mesmo tempo, para a reificação do ser. Os princípios filosóficos, éticos, ideológicos, políticos, científicos e religiosos foram alvos de rápidas transformações: a ciência, a democracia e a cultura moderna prometeram resgatar o homem do

¹² Goethe, J. W. Fausto. Tradução de Antônio Feliciano da Castilho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948.

fatalismo inexorável das doenças, da carência, da servidão sem fim e, de fato, o fizeram em parte. Mas a miséria que antes dominava o campo, sujeito aos bons e maus humores da natureza, apenas transformou-se em pobreza urbana e mostrou-se mais contundente e aprisionadora. As fábricas, escuras e inóspitas, locais de concentração de operários – homens, mulheres e crianças explorados ao extremo de suas forças – se diferiam das miseráveis moradias em guetos insalubres onde os trabalhadores viviam apenas pela ausência dos muros e das altas chaminés.

Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e de veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado.¹³

A burguesia transmudou toda a honra e dignidade pessoais em valor de troca; e em lugar de todas as liberdades pelas quais os homens têm lutado colocou uma liberdade sem princípios – a livre troca. São elas também mercadorias.¹⁴

A brutalidade desses espaços e a consumação do trabalhador mereceram críticas contundentes, como as de Marx e propostas de solução, tanto de democratas como de socialistas convictos, ainda que muitas vezes ingênuas, pois não alcançavam ou não queriam alcançar a essência da questão. Em 1913, Walter Gropius, líder da Liga Alemã do Trabalho e primeiro diretor da Bauhaus, alertou:

Do ponto de vista social não é indiferente que o operário industrial moderno trabalhe em casernas industriais feias e odiosas ou em espaços perfeitamente proporcionais. O trabalho produzirá alegria e se alcançarão melhores resultados naquelas oficinas projetadas e construídas por artistas, que ofereçam o sentido da beleza e onde a monotonia do trabalho mecânico puder ser humanizado. Assim, com o crescimento da satisfação no local de trabalho, crescerá também a produtividade.¹⁵

Hannes Meyer, marxista convicto, e segundo diretor da mesma escola foi mais além:

Como projetistas nossa atividade tem fundamento social e o círculo de nossas tarefas se refere à sociedade. A sociedade não exige, hoje, na Alemanha, milhares de escolas, jardins públicos, casas; centenas de milhares de apartamentos? Milhões de móveis populares? Nós não procuramos nenhum estilo para a Bauhaus, muito menos uma moda Bauhaus. Nenhuma forma de época, ornamental ou dividida em horizontais

¹³ Marx, K. e Engels, F. *Sämtliche Werke*. Rjasanov, 1926.

¹⁴ Marx, K. e Engels, F. *Op. cit.*

¹⁵ Gropius, W. *Die Entwicklung moderner Industriebaukunst*. In: *Jahrbuch des Deutschen Werkbunds*, 1913, p. 20.

¹⁶ Meyer, H. *Bauhaus und Gesellschaft*. In: Claude Schnaidt. *Über die Erfahrung im Städtebau mit Hannes Meyer*. *Architese*, 1974, p. 98.



e verticais, derivada do neo-plasticismo. Nós não procuramos imagens geométricas ou estereométricas, estranhas e inimigas da função. Nós rejeitamos todas as formas que se prostíbem em formalismos.¹⁶

A arte também se manifestou sobre o tema através de inúmeros estilos e linguagens. O Romantismo, melancólico, saudoso da natureza idealizada, e tão ao gosto das massas que se formavam nas cidades, foi substituído pelas novas correntes da vida e da arte modernas e em seu turbilhão não tardou a surgir o pesadelo da realidade, no Cubismo, no Expressionismo, no Surrealismo e em tantos outros movimentos. A arte falava, vociferava, quando a razão emudecia, umas vezes de forma ficcional e trágica, com em *Metropolis*, de Fritz Lang; outras vezes como tragicomédia, como em *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin; mas também de forma perversa como no Manifesto Futurista.¹⁷ Com a distância que a história hoje nos permite, sabemos que o Futurismo conseguiu muito mais: alguns dos integrantes do movimento, como o escultor Umberto Boccioni e o arquiteto Antonio Sant'Elia, foram mortos durante a Primeira Guerra Mundial pelas máquinas que tanto haviam saudado, mas Marinetti, o líder do movimento, sobreviveria a eles apenas para servir de arauto cultural dos camisas pretas de Mussolini.

A realidade então construída passou ela própria a agir como se tivesse vida, vontade e discernimento, mostrando-se muito mais complexa, dinâmica e distinta daquilo que políticos, empresários e cientistas de qualquer matiz ideológico haviam anunciado. Através de modelos por eles aperfeiçoados, com recursos inquestionáveis da matemática e combinados a interesses ideológicos e políticos, foi criado um novo e admirável mundo, que, no entanto, não é melhor ou diferente daquele antigo, apenas constituído de realidades superpostas, mais difuso, líquido e menos contrastante que o anterior. Muitos sólidos foram transformados em gases, enquanto outros continuam se desmanchando continuamente no ar, principalmente a partir da segunda metade de 1980: a cortina de ferro, o muro de Berlim, as seculares fronteiras entre países, as moedas nacionais, as

¹⁷ Em 20 de fevereiro de 1909 o poeta Filippo Tommaso Marinetti publicou *Le Futurisme* na primeira página do *Le Figaro*: Declaramos que o esplendor do mundo foi aumentado por uma nova beleza: a beleza da velocidade. Um carro de corrida, sua carroceria ornamentada por grandes tubos que parecem serpentes com respiração explosiva... ..um automóvel estridente que parece correr como uma metralha é mais belo que a Vitória Alada de Samotrácia ... A beleza agora só existe na luta. Uma obra que não tenha caráter agressivo não pode ser uma obra-prima... Queremos glorificar a guerra - a única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, o ato destrutivo dos anarquistas, as belas idéias pelas quais o indivíduo morre, o desprezo pelas mulheres. Queremos destruir os museus, as bibliotecas e as academias de todas as espécies, e combater o moralismo, o feminismo e todas as torpezas oportunistas e utilitárias. Cantaremos as grandes multidões excitadas pelo trabalho, o prazer dos motins, as marés multicoloridas e de milhares de vozes da revolução em capitais modernas. Cantaremos a incandescência noturna e vibrante de arsenais e estaleiros, refulgindo em violentas luas elétricas, as vorazes estações devorando suas fumegantes serpentes... as locomotivas de peitorais robustos que escavam o solo de seus trilhos como enormes cavalos de aço que têm por arreios poderosas bielas motrizes, e o vôo suave dos aviões, suas hélices açoitadas pelo vento como bandeiras e parecendo bater palmas de aprovação, qual multidão entusiástica. Lançamos da Itália para o mundo este nosso manifesto de violência irrefreável e incendiária, com o qual fundamos hoje o Futurismo, porque queremos libertar esta terra do fétido câncer de professores, arqueólogos, guias e antiquários. (Marinetti, F. T. O Manifesto Futurista (trecho), apud Lynton, N. In: *Conceitos da Arte Moderna*. Nikos Stangos, na verdade o manifesto foi escrito originalmente em 1908, como prefácio para um livro de poemas de Marinetti, editado em Milão em 1909).



culturas regionais, as regras da moral, valores e sonhos de toda espécie. Um novo espaço de relações comerciais, financeiras e políticas, que desconhece limites territoriais se espraia pelo globo. Por outro lado, em uma realidade multifacetada, abrem-se espaços para o surgimento de focos de resistência, que se manifestam através do ressurgimento de consciências étnicas e culturais, de um novo regionalismo de inspiração neomarxista, de entidades e organizações não governamentais engajadas com a ecologia, mas também de partidos neofascistas, de facções religiosas radicais e de regimes francamente xenófobos. Da América ao extremo do Oriente organizam-se grupos, seitas, fóruns, associações de toda espécie em torno dos mais extraordinários objetivos; fanáticos se confrontam em várias partes do mundo; profetas de bons e maus agouros lançam sortilégios. Finalmente, multiplicam-se organizações civis que têm em comum a bandeira empunhada contra a hegemonia quase absoluta da sociedade capitalista e, em particular, norte-americana, onde o processo de destruição criadora revela-se em todo seu esplendor, despuerado, anunciando para que direção caminha o impasse entre barbárie ou socialismo. O homem moderno, herdeiro da tradição iluminista, apresentou um e outro como extremos de um falso dilema, dada a excludente obviedade da conjunção ou e propôs uma única resposta razoável. Já o homem contemporâneo, há muito se abstrai da incerteza, da perplexidade, do horror vacui, construindo um universo íntimo, doméstico, particularizado, quase sempre a partir de valores díspares, sincretismos e híbridos diversos, desconhecendo orgulhosamente a exclusão e submetendo-se à tolerância. Os sólidos não se volatilizam para cederem a novas ordens, mais sólidas, mais justas e duradouras na espiral ascendente de uma dialética afirmativa e otimista, como esperavam Hegel, Marx e Habermas. A nova ordem - seria mais correto pensar em novas desordens - é, na verdade, múltipla e cumulativa, formada por fragmentos captados pela lente instantânea e agilíssima de um caleidoscópio multimidiático¹⁸ controlado por mão invisível, mas habilidosa de prestidigitador, que não deixa ao observador tempo de fixar imagem alguma, de compor uma ordem. Em sua memória ficam apenas impressões transitórias e dispersas. A tão festejada pluralidade e a aparente legitimação da alteridade, em um contexto ilusoriamente tolerante e incentivador da diferença e da dispersão, mal disfarça a indiferença, o mal-estar e o real interesse que se esconde com o desejo de fragmentação, por demais óbvio para ser inquirido.

De outro lado, o coletivo da sociedade contemporânea surpreendentemente reage com enfado às pretensões ideológicas, pois não há mais o que denunciar ou anunciar. Esmiuçada, autopsiada, retalhada, catalogada, repartida e disputada no imaginário dos cientistas modernos, entocados em seus minúsculos, mas arrogantes e auto-suficientes escaninhos do saber, a sociedade permanece imune e inerte a qualquer planejamento, a qualquer projeto de porvir. Suas constantes transformações parecem obedecer a obscuros comandos próprios, que têm o perverso prazer em se contrapor a qualquer previsão lógica, a todo bom senso, já que planejamentos e propostas

¹⁸ O emprego do neologismo é intencional.



políticas são por ela desdenhados e ignorados. Em um momento a sociedade deixa-se enganosamente parecer isso ou aquilo que os especialistas pensaram dela ter construído, para logo após surpreender com uma nova face, qual esfinge pródiga, que não espera mais pela adivinhação de enigmas, apenas devora. Escapa da mesma forma da prática divinatória e diverte-se com ela e com sua própria rebeldia mais que traquinas. Pois se é ela, a sociedade contemporânea, que tudo consome e que diante de tudo se ilude, se é líquida para amoldar-se docilmente a qualquer forma, o é o bastante para consumir, iludir e amoldar também seus próprios criadores. Tudo é consumo, descarte e desperdício. E mesmo a natureza, hoje transformada em preocupação primaz do homem contemporâneo, finge enrubescer diante de tantos pretendentes e de tantas iniciativas não governamentais. A natureza sobreviverá instintivamente e independente do que a ela ainda venha a fazer ou oferecer o homem, assim como já sobreviveu a tantos outros extermínios. O homem, ao contrário, talvez passe como passaram e desapareceram raças e espécies; a natureza, desconstruída como tal pela ausência de quem a imagine, continuará, no entanto, em paciente e serena latência, esperando como negação absoluta por um novo quarto dia da criação cósmica.

Eu sou o espírito que tudo nega!
E assim é, pois tudo o que existe
merece perecer miseravelmente.¹⁹

Na contemporaneidade, as tentativas de preencher o vazio através da configuração de novos espaços ultrapassaram todas as barreiras e expectativas, mesmo aquelas que as mais fantásticas ficções puderam anunciar para um futuro longínquo. Do ponto de vista filosófico e científico, o espaço continuou sendo desvelado ao longo da história por hipóteses e teorias cada vez mais sofisticadas, de Nicolau de Cusa a Einstein e Max Plank, entre muitos outros filósofos, matemáticos, físicos, astrônomos e especialistas das várias ciências que se ocupam do tema; e hoje sabemos, afinal, que o nada existe sim, enquanto construção do homem, para ser sempre e novamente ocupado: no hiper-espaço, no desvão de longínquas galáxias, nas dobras da relatividade, no microcosmo celular das transformações genéticas e das clonagens, na ilusão da virtualidade, nas próprias entranhas da carne, com protéticos implantes cirúrgicos, no revival de fanatismos religiosos que transbordam a alma. Porque, cada vez mais, a compreensão do vazio se inspira naquela de Melissos de Samos, com a substituição de apenas um verbo: o vazio é o nada e o que é o nada não deve ser.

A geografia e a cartografia que hoje se configuram pertencem a uma nova espécie: não falam mais de costas, acidentes da natureza, maciços, mares, lagos e rios, mas de um espaço criado pela virtualidade ou excluído da realidade tangível. Navegar não significa mais cruzar mares sob os terríveis humores da natureza, enfrentar monstros marinhos reais ou mitológicos, perder-se como

¹⁹ Goethe, J. W. von. Fausto. São Paulo: EDUSP/Itatiaia, 1981.

náufrago em alguma ilha do dia anterior, ser o mestre-herói de uma sumaca. Navegar significa antes de tudo explorar as entranhas da relação espaço/tempo através da cibernética, da informática, da telemática e de outras novas ciências da atualidade; criar espaços relacionais e multidimensionais supostamente mais complexos e convincentes do que se crê possível. O espaço da virtualidade pertence ao campo do infinito. Lugar algum, mas ao mesmo tempo todos os lugares, que surgem e desaparecem como densas concentrações estelares em um firmamento multidimensional e imaterial. A virtualidade é a potencialidade de todo conhecimento, informação e ação. É também espaço de ilusão.

A prodigalidade dos meios e multimeios oferecidos pelas tecnologias das ciências cibernéticas, que configuram a matéria dos sonhos, provoca êxtases e assombramentos. O incomensurável, o inumerável, o inimaginável, o irrepresentável tornam-se vívidos diante de nossos olhos, no espaço aberto da cidade ou em uma tela retangular. E mais além, tal qual em um delírio, o homem adentra um espaço, que não cabe mais em seu nome, posto que lá se acredita experimentar o pleno, o êxtase, o sublime, da mesma forma que o horror e o nefando; tudo é possível e virtual, é claro, embora não se possa argumentar que a experiência se encerre no virtual, uma vez que também a virtualidade pertence à realidade, como antecipação ou mera ilusão. A matéria, energia no caso, é do estatuto do virtual, mas a sensação realiza-se e esse parece ser o assombro da virtualidade: a sensação e a sensibilidade em torno de uma forma imaterial, o significado sem significante.

Vive-se a época do imagético, em que o sentido da visão permanece em estado de super excitação pelo excesso de oferta. Os códigos sociais são visuais, o aprendizado se dá prioritariamente através da percepção ligeira de imagens produzidas por recursos óticos, pela aparência das coisas, por press-releases do que ocorre no mundo. O que se vê não é mais percebido como aquilo que um dia se denominou como a verdade dos fatos, expressão de resto vã, posto que nunca há a verdade, mas verdades que são construídas, transformadas e destruídas no cotidiano de cada um. Real é aquilo que se constrói como tal e, uma vez construído, demarca o espaço de nossa existência.

Mas o que há de novo nisso? Não foi sempre assim que o homem viveu, pleno de credulidade e esperança no espaço representado, chamando de realidade àquilo que cria ser? Um camponês da Idade Média, inculto e iletrado, vivia em seu mundo de imagens particulares, constituído de uma coleção de parques artefatos, mas de uma natureza rica e familiar: um pinheiro com determinada característica podia indicar a proximidade ou distância de sua casa; uma curva acentuada de um rio anunciava a proximidade do vilarejo; o sibilar cadenciado do vento entre ramos e a variedade dos perfumes, as estações do ano; a maciez ou a aspereza do solo, o zurrar dos animais de tração traziam informações tão ricas e precisas que nenhum mapa ou imagem poderia igualar. Esses eram os signos da sua existência, de seu lugar, de sua redondeza, de seu universo cotidiano. Esse

²⁰ Cöln: grafia em gótico da cidade de Colônia, Alemanha.



mesmo homem, contudo, certamente se paralisava extático, quando, de raro em raro, ia, por exemplo, a Cöln²⁰ e admirava um pórtico lavrado em pedra de sua catedral, representando todas as graças do paraíso ou todos os horrores do inferno que os aguardariam, um ou outro, após sua morte. Do mesmo modo se apequenava no imenso interior, frio, escuro, silencioso e pontiagudo da construção mais que centenária, que se elevava com o passar dos anos cada vez mais em direção a Deus, que estava ali, acima de tudo, ele sabia e poderia vê-Lo caso seus olhos não fossem turvados pela bruma e pelo acúmulo de fumaças e vapores de tocheiros, velas e incensos. Nuvens coloridas pela projeção de vitrais criavam imagens animadas da paixão do Cristo, do anúncio do anjo à Maria, da criação do Mundo. Tudo isso era sensível aos seus olhos e, portanto, real; pois, como conjecturou maliciosamente Baudolino,²¹ não é a autenticidade das relíquias que anima a fé dos cristãos, mas a fé dos cristãos que empresta a elas autenticidade.

Que efeito teria sobre este homem tão simples o luzir do ouro de ostensórios, crucifixos, pátenas e cálices? A seleta reunião de gentes do burgo com capas de peles finamente curtidas,

²¹ Personagem central do livro homônimo de Umberto Eco. ECO, U. Baudolino. São Paulo: Record, 2001.

²² A Catedral de Colônia, cuja construção se estendeu por quase 1300 anos (cerca de 600 a 1880), é uma das mais importantes da Europa e guarda inúmeros tesouros. Entre suas mais preciosas relíquias se encontram os restos mortais dos três Reis Magos. Manufaturada entre 1180 e 1225, a nova urna tem 2,20m de comprimento por 1,53m de altura e é considerada a mais perfeita obra de ourivesaria da Idade Média. A peça em ouro é adornada com cerca de 1000 pedras preciosas e pérolas, 300 gemas antigas, 74 figuras de ouro maciço, representando profetas, santos, apóstolos, evangelistas, entre muitas outras preciosidades da joalheria medieval. Os restos mortais dos supostos magos teriam sido encontrados por santa Helena, mãe do imperador Constantino, em locais diferentes do oriente e trasladados para Milão, então sede do Império Romano, no século IV. O segundo bispo da cidade, Eustorgius I (santo festejado em 18 de setembro) mandara construir gigantesco abrigo em mármore (3,6 m de comprimento, 2 m de largura, 3,2 m de altura) para servir de perpétuo túmulo para os magos, sarcófago que se encontra até hoje na Igreja de santo Eustórgio, nas proximidades de Milão. (*Virtutum signis pollens Eustorgius almus, digne laude piis em celebrandus adest. Cuius plura quidem clara inter facta beati, insigne hoc unum fama refert populi, constructam reboans ingentem Caesaris urnam...* Fontana, *Corpus Inscriptionum Latinarum* 5/2, Berlim, 1877). De Milão as relíquias foram levadas por Reinaldo de Dassel, recém designado cardeal de Colônia e ministro por Frederico I, o Barba Ruiva, para a nova e atual urna. Considerando tantos deslocamentos dos despojos seria mais que razoável supor que seu conteúdo era conhecido, ao menos por algumas pessoas. No entanto, embora existam relatos sobre o traslado das relíquias para Colônia, como o do abade Robert, da Abadia de Monte Saint-Michel, em 1158, somente a partir de 1741 há registros oficiais sobre seu conteúdo. Nesse ano e pela primeira vez, uma comissão chefiada pelo arcebispo Clemens August, pelo príncipe da Saxônia e rei da Polônia, Friedrich August, e pelo Conde de Brühl, Johann Moritz, retirou do relicário: um pequeno pedaço de tecido de algodão, sobre o qual repousavam os corpos dos magos; uma amostra de tecido tingido de verde oliva, que envolvia diretamente os corpos; uma parte de um tecido de seda com estampas em ouro que cobria o pano anterior. Esse material foi distribuído em três pequenas cápsulas transformadas por sua vez em novos relicários. Relevante sobre este fato foi a descoberta posterior das três cápsulas, que confirmam as anotações da comissão. Em 1748 e em 1751 foram retiradas novas amostras dos mesmos materiais. Em 20 de setembro de 1864 explorou-se o relicário de modo científico e sistemático e em seu interior foram encontrados em estado quase perfeito os restos mortais de um jovem, de um homem maduro e de um ancião. Pequenas partes do material desses três corpos foram separadas e guardadas na Câmara de Tesouros da catedral. Cerca de quarenta anos depois, em 3 de janeiro de 1904, o arcebispo Andrea Caro Ferrari recebeu como presente do Arcebispo de Colônia, Anton Fischer, ossos dos três magos, respectivamente, tibia e perônio do ancião, perônio do homem maduro e uma vértebra cervical do jovem, que foram depositados pelo Cardeal Ferrari na igreja de Santo Eustorgio, na igreja de São Jorge e na igreja de Santa Maria della Fontana. Estudos recentes realizados por cientistas, historiadores, especialistas e laboratórios de renome confirmaram a origem, a matéria, a época e a região em que foram confeccionados os tecidos, mais precisamente, Palmira, na Síria.

brocados e jóias multicoloridas? Que desejos poderiam despertar os esguios corpos daquelas donzelas, que pudicamente escondiam suas mãos pálidas e seus rostos maquiados e encimados por cônicos chapéus? Que impressão causaria estar no centro de uma obra que ocupava e ainda ocuparia por séculos vidas inteiras de inúmeros artesãos e trabalhadores como ele? Que sentimento seria despertado no espírito desse homem rude a visão do rico relicário com os corpos dos reis magos²² e, mais, a enorme pedra atirada pelo demônio do alto da catedral para destruir as venerandas relíquias, pedra onde ele via claramente, gravadas em baixo relevo, as garras de gárgula?²³ Certamente a impressão aterradora do sublime. Hoje tal imagem cabe no retângulo de uma tela, de uma fotografia ou de um postal, banalizada; um souvenir-troféu de alguma excursão pela Europa, que não evoca muito mais do que uma tênue lembrança de alguma catedral visitada rapidamente em Colônia. Ou teria sido em Paris?

Mas a virtualidade produzida pela cibernética e pela informática também cria encantos novos, possibilidades originais, espantosas e verossímeis já por demais conhecidas para enumerar. De qualquer modo, tudo parece ser possível: apequenar-se e conformar-se diante da disponibilidade do todo inalcançável que as possibilidades da informática, da telemática e da cibernética oferecem ou agigantar-se com drops de conhecimentos de uma infindável enciclopédia eletrônica; criar um passado, projetar um futuro desejável ou ainda abolir ambos e viver apenas e sempre o presente, já que uma das afirmativas recorrentes do contemporâneo é a do fim da História. E como o virtual também é real, adia-se a transformação do ser.

Mas, se todas essas construções permanecem mutantes, sempre a um passo entre o imaginado e o realizado, o olho onipresente, onisciente e onipotente, anunciado por Orwell para uma era que já ficou no passado, perscruta realmente nossas vidas cotidianas por onde quer que se vá: em condomínios fechados, em auto-estradas, em bancos, supermercados, shoppings, em aeroportos, nas ruas; a privacidade que resta é oferecida em sacrifício do voyeurismo pseudo-interativo, em troca das mesmas quinquilharias com que sempre se iludiu o espírito. Onde quer que se vá há uma câmera atenta, como nas salas de aula de antigos colégios religiosos, onde um quadro com o desenho de um triângulo com um olho pintado no centro nos intimidava e a nos lembrava: alerta, Deus tudo vê!

As transformações que levaram a criação dessa nova geografia virtual criaram também novos

²³ Entre as diversas fábulas que envolvem a catedral e sua construção se inclui a lenda Der Teufelsstein, (a Pedra do Diabo), que relata um fato supostamente ocorrido no início do século XV, quando a catedral tornou-se destino de inúmeras peregrinações, desde que as relíquias dos três Reis Magos foram guardadas em seu interior, em 1164. As constantes multidões de devotos que oravam diante do relicário irritaram a tal ponto o diabo - afinal os magos sequer foram beatificados pela igreja - que ele determinou-se a destruí-lo. Para isso deu vida a uma gárgula que ergueu sobre o teto da nave uma imensa e pesada pedra restante da construção e atirou-a sobre as relíquias. Deus, no entanto, evitou a destruição do relicário, puxando-o para um canto da nave, onde se encontra até hoje. A pedra onde estão gravadas as garras do demônio encontra-se também, ainda hoje, próxima a ele. (Frangi, G. The Rest of the Magi. www.traces-cl.com/archive/dic99/seustuck.html).

²⁴ Bauman, Z. Op. cit. P. 115.

²⁵ Foucault, M. Of other spaces. In: *Diacritics* 1, 1986.



espaços na realidade do cotidiano. São espaços demarcados não tanto pelas latitudes ou longitudes reais ou virtuais a que pertencem, mas por coordenadas sociais: são os espaços antropômicos, antropofágicos, não-lugares e, finalmente, como não poderia deixar de ser, os espaços vazios.²⁴ Os espaços êmicos são lugares cuja sacralidade intrínseca exclui a possibilidade do iconoclasta. São templos, museus, centros de consumo, que se descolam da realidade, lócus sem chrónos, um pedaço flutuante do espaço, um lugar sem lugar, que existe por si mesmo e ao mesmo tempo se dá ao infinito do mar.²⁵ Nesses espaços êmicos todos são transformados em iguais, pois respeitam ou devem respeitar um mesmo código de procedimentos; têm o mesmo status, almejam as mesmas coisas, são regidos pelos mesmos princípios; enfim compõem um mesmo rebanho protegido por um atento pastor com seus cães. Esse local de exceção permite uma permanência supostamente harmônica, em que não há receios de se encontrar estranheza ou estranhos. Nos espaços êmicos não há dia ou noite – não há mesmo relógios –, mudanças climáticas e marcos que os delimitem no entorno são evitados. Os sons que se ouvem são sempre agradáveis, os sorrisos amáveis, as saudações corteses. Nesses espaços não se conhece diferença, mais exatamente diferença que conte, diferença que requeira confronto diante da alteridade do outro, negociação, clarificação e acordo quanto ao *modus vivendi*.²⁶ São espaços auto-suficientes que se voltam para seu próprio interior e excluem o que está fora: não se escolhe freqüentar um espaço de tal natureza, é ele quem nos escolhe e nos acolhe.

Enquanto os espaços êmicos excluem, impedem a proximidade do indesejável, muram, criam guetos sociais, os espaços antropofágicos, ao contrário, ingerem, devoram, vampirizam, aniquilam a alteridade do outro pelo processo metabólico de ingestão social, cultural, comercial etc. Naturalmente, o conceito de espaço antropofágico, ou simplesmente, fágico, foi derivado de *Tristes Trópicos*, obra antropológica de Lévi-Strauss, que categoriza os espaços êmicos e fágicos como espaços públicos, mas não civis, onde a diferença tende a ser anulada, por exclusão ou por inclusão.

Os não-lugares são variantes dos espaços êmicos e fágicos, com a diferença que neles não se permite ou se deseja permanência, tais como aeroportos, apartamentos de grandes cadeias de hotéis, transportes públicos e, em algumas circunstâncias, até mesmo vias públicas. Em um não-lugar faz-se presente o mínimo necessário e apenas como corporeidade; toda alteridade é propositalmente inibida ou evitada, embora haja obediência a regras mínimas de convívio, como nos espaços que se constituem em torno de muitas reuniões sociais.

Finalmente, os espaços vazios, que não são vazios fisicamente, mas vazios de significado para alguém. É a existência dos espaços vazios que permite que cada um configure sua rua, seu bairro, sua cidade de maneira particular, incluindo ou excluindo aquilo que se pretende. Periferias, grandes áreas ao redor de auto-estradas; o entorno de aeroportos e de shoppings são não-espaços.

A sociedade atual elege e define seus espaços, circunscrevendo, excluindo, afastando ou sedu-

²⁶ Bauman, Z. Op. cit. P. 117.

zindo o que convém a seus inúmeros grupos, sejam eles definidos por afinidade etária, econômica, cultural, profissional, estilística etc. Comunidades inteiras se fecham em espaços êmicos, enquanto outras são classificadas como não-espacos e, naturalmente, considera-se que nos não-espacos há não-pessoas. Tal qual pela via da informática, os espacos físicos e sociais são construídos por cadeias de sítios, aos quais se chegam através de auto-estradas-links, evitando-se a todo custo perder-se por territórios indesejados, encontrar pop-ups que podem levar o navegante a algum lugar estranho. A geografia urbana convencional não é mais suficiente para revelar ou restringir grupos. As relações se esboçam a partir de outros vínculos que se sobrepõem à malha fixa urbana e, diferente dela, são extremamente heterogêneos, de modo que um mesmo bairro e até mesmo uma única rua podem ser espacos de diferenciados grupos que se toleram ou se evitam.

Mas, novamente, cabe a pergunta: o que há aqui de original, novidade que não havia já antes? Não eram os castelos feudais espacos êmicos? Os grandes centros urbanos da Renascença, antropofágicos? E o que dizer das vastas regiões desconhecidas do globo terrestre, quando muito apenas esboçadas em imprecisos mapas como terras de finis Africae? A construção e a delimitação de espacos sempre houve, fossem eles demarcados por sólidos blocos de pedra, vigiados por panópticos, protegidos ou afastados por cercas eletrônicas, controlados por câmeras filmadoras, escudos eletrônicos.

O processo histórico da construção de espacos mostra apenas que eles foram incrementados progressivamente pela crescente complexidade tecnológica, pela quantidade e a acessibilidade de meios e pela própria quantidade e variedade dos próprios espacos controlados. Esse controle quase absoluto e explícito do espaco social e a previsibilidade de seu futuro não arrefecem, contudo, a incômoda e permanente sensação de insegurança, de vacuidade e de isolamento. A questão sobre o nada e o vazio permanece inalterada e despidoradamente encara o ser, desafiante, perturbadora. E não há respostas definitivas e convincentes para além de um eterno e incansável criar e recriar.

5. Meia-Noite

Surgem quatro sombrios vultos de mulher.
A primeira: Meu nome é Penúria.
A segunda: O meu é Apreensão.
A terceira: O meu é Insolvência.
A quarta: É o meu, Privação.

Fausto:
A noite cai mais profundamente fundo,
Mas no íntimo me fulge ardente luz;

²⁷ Goethe, J. W. von. Op. cit. Quarto ato; Meia Noite.



Corro a pôr termo a meu labor fecundo;
Só a voz do amo efeito real produz.
De pé, obreiros, vós! O povo todo!
Torne-se um feito o que ideei com denodo.
Pegai da ferramenta, enxadas, pás!
Completai logo o tratamento audaz.
Esforço ativo, ordem austera,
O mais formoso prêmio gera.
A fim de aviar-se a obra mais vasta,
Um gênio para mil mãos basta.²⁷

Hegel imaginou a sociedade caminhando em direção ao Bem, através de uma dialética idealista, inelutável, ascendente; Marx e Engels a imaginaram materialista, cujo caminho se construiria arduamente palmo a palmo, entre vitórias e derrotas, mas afinal triunfante; outros mais pregaram a dialética negativa, pessimista e igualmente fatalista como a primeira.

Cada era delineia seu espaço e, ao mesmo tempo em que engrandece suas realizações e vangloria-se de uma imperfeição a menos do passado, antecipa também seu fim em meio a previsões esperançosas ou apocalípticas, de ordem ou de caos, de materialidade ou imaterialidade, de realidade e idealidade. São os ciclos sociais sucessivos por onde o homem caminha e que sua cultura e sua arte se encarregam esmeradamente em refletir e ilustrar.

A partir da década de 1960, contudo, em plena guerra fria, a sociedade ocidental, moderna, capitalista e pragmática pareceu claudicar mais seriamente em sua marcha: o Clube de Roma, a imprensa, as academias de ciência, a arte, a cultura popular e outros setores do fazer humano denunciaram os grandes sonhos do Moderno, mostrando que os mesmos haviam se transformado em dura e cruel realidade: as Guerras do Vietnã, do Oriente Médio, dos Bálcãs, entre muitas outras, a crescente desigualdade entre nações ricas e miseráveis, as ameaças cada vez mais alarmantes do mau emprego da energia nuclear e os acidentes prognosticados e reais com usinas atômicas, a intolerância entre etnias, raças e religiões, a degradação dos valores e do meio ambiente e muitos outros sintomas mostravam que o sonho da Utopia havia se convertido em pesadelo por demais real para continuar sendo ignorado. Em sua contabilidade cotidiana, o homem moderno podia se considerar ainda materialmente muito rico, mas esvaziado de valores e moralmente falido. A ruptura daí resultante, que Daniel Bell e J. F. Lyotard caracterizaram, cada um sob sua ótica, com fim da era moderna e início do Pós-Moderno, domina o debate cotidiano.²⁸ No início da década de oitenta, ainda no turbilhão da controvérsia entre Moderno e Pós-Moderno, Berman,²⁹ parodiando Goethe e Marx, assinalava que a própria dinâmica criada pelo capitalismo exigia um eterno ~~caminhar na direção do desenvolvimento~~ perpétuo, através de um incessante e interminável

²⁸ Bell, D. *The Coming of Post-Industrial Society. A Venture in Social Forecasting*. New York, 1973. Lyotard, J. F. *Economie Libidinale*. Paris, 1974. *Das Patchwork der Minenheiten Für eine herrenlose Politik*. Berlin, 1977. *La Condition Postmoderne. Rapport sur le savoir*. Paris, 1979.

²⁹ Berman, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



superar-se a si mesmo e aos outros.

Na atualidade, o homem percebe que seu processo de destruição criativa não demoliu apenas realizações e antecipações de uma utopia ideológica de igualdade, quando do desmoronamento da sociedade socialista e marxista, mas incumbe-se também de liquefazer a materialidade capitalista. Empresas mais poderosas que estados, cujas origens não têm raízes em solo físico, familiar, nacional ou sequer multinacional, mas que, em troca, possuem tentáculos eletrônicos de bits e megabits no mercado virtual, surgem e são pulverizadas em horas. Construções empresariais quiméricas, infladas por capital especulativo, tão ágil quanto volátil, são erguidas e se sustentam na credibilidade do imaginário que se garante através da onipresença da imagem. São elas também matérias vulgares, a que se atribui concretude magnânima por crença, ingenuidade ou fé: igrejas dos primeiros e dos últimos dias, loterias, baús de felicidade, lotes em Marte, excursões em torno da lua, paraísos terrestres para os mais humildes; curas milagrosas, amores perfeitos. Ao público mais abonado e sofisticado, a cornucópia de modos e modas ambientais, corporais, alimentares, vitamínicos, oníricos, orgásticos: êxtases a rodo através do sublime material, imaterial ou virtual em liquidação permanente.

Não há propriamente mais dialética alguma, nem retórica, espiral ascendente ou descendente; apenas um andar e correr em círculos sem maiores considerações. Para aquele que não se engaja em tal corrida ou dela foi excluído, resta apenas um passar do tempo ou passar o tempo, ocupando-o de alguma forma. Não há ideais ou grandes relatos a seguir, nenhuma perspectiva brilhante, nenhuma ideologia promissora, nenhum valor imaculado. Tudo é consumo, descarte e desperdício. O ser se entrega a si mesmo, arcando com todos os ônus e benesses dessa alteridade. Não há mais aonde chegar e, portanto, também de onde partir; e, como se pretende, nem passado, nem futuro. Há apenas um contínuo estar ou mal-estar permanente.

Mefistófeles:
Passou! Palavra estúpida!
Passou porquê? Tolice!
Passou, nada integral, insípida mesmice!
De que serve a perpétua obra criada,
Se logo algo a arremessa para o Nada!

Gustavo Amarante Bomfim, Doutor em Filosofia pela Bergische Universität Wuppertal, Alemanha.

³⁰ Goethe, J. W. von. Op. cit. Quinto ato.